

7.09.01 - Ciência Política / Teoria Política

## A REVISTA BRASILIENSE E O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Victor Pugliese<sup>1</sup>, Bernardo Ricupero<sup>2</sup>

1. Estudante da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).
2. Professor da FFLCH-USP - Departamento de Ciência Política/Orientador.

### Resumo

O trabalho versa sobre a relação entre a *Revista Brasiliense*, um periódico de cultura e política publicado entre 1955 e 1964 por Caio Prado Jr. e Elias Chaves Neto, com o Partido Comunista Brasileiro. A partir da constatação da presença majoritária de membros e ex-membros do PCB no Conselho Editorial da revista, incluindo os dois fundadores, descobre-se que a revista se reúne sob um histórico de derrotas internas partidárias e se coloca no debate público a partir da interpretação caiopradiana do Brasil, estabelecendo assim momentos importantes de afastamento e divergência com o partido, sem alcançar a ruptura completa. Com isso, descobrimos novos elementos e matizamos o debate interno da esquerda no período da Quarta República brasileira, com destaque para o campo do nacionalismo. Paralelo ao tema central da pesquisa, desenvolvimentos correlatos e originais surgem, como a interação entre a revista e setores com os novos intelectuais uspianos e os isebianos.

**Palavras-chave:** Nacionalismo; pensamento político; interpretações do Brasil.

**Apoio financeiro:** FAPESP.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** USP.

### Introdução

A Revista Brasiliense foi publicada bimestralmente em São Paulo entre 1955 e 1964, constituindo um total de 51 volumes até ser fechada após o golpe de 1964. Sob o bojo da Editora Brasiliense, teve à frente de seus números dois nomes principais: Caio Prado Jr., principal inspirador e financiador da revista, e Elias Chaves Neto, diretor-responsável da revista — e primo de Caio Prado. Seu primeiro número é encabeçado por um manifesto de fundação nacionalista, assinado por quarenta e cinco intelectuais, anunciando que a revista seria um centro de debates sobre os problemas da realidade brasileira e sobre suas possíveis soluções.

Em seu Conselho de Redação destaca-se a presença de diversos militantes ou ex-militantes do Partido Comunista Brasileiro, do qual os próprios Prado Jr. e Chaves Neto eram parte, e um histórico de participação destes em disputas internas anteriores (LIMONGI, 1987). Além disso, dentre os dez autores que mais publicaram na revista, nove eram ou haviam sido do PCB (RICUPERO, 2000, p. 113). Assim, a partir de indicações de que o grupo da *Revista Brasiliense* se configura de maneira independente do partido tanto em trajetória política quanto em elaboração teórica, nos dedicamos a explorar as relações entre o grupo e o partido.

Em suas memórias publicadas, Elias Chaves Neto (1978, p. 141) diz que o "motivo fundador" da Revista Brasiliense havia sido o arcabouço teórico nacionalista desenvolvido por Caio Prado Júnior no texto *Diretrizes Para uma Política Econômica Brasileira*, apresentado em 1954 para o concurso da cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito da USP. Neste caminho, a pesquisa dedica-se a verificar se o projeto editorial da revista se organiza *de facto* a partir do instrumental teórico desenvolvido por Caio Prado Jr. em seu processo de nacionalização do marxismo no Brasil (RICUPERO, 2000).

Com isso, alcançamos objetivos diversos, entre eles (a) matizar o ambiente intelectual interno do nacionalismo brasileiro no pré-golpe de 1964 dentro da própria esquerda política, delineando melhor seus contornos e propostas teóricas; (b) aprofundar uma dimensão ainda pouco explorada nos estudos sobre a *Revista Brasiliense*; e (c) contribuir no montante de estudos que versam sobre a contribuição de Caio Prado Jr. para o marxismo brasileiro.

### Metodologia

A metodologia utilizada consistiu essencialmente na análise da fonte primária, a própria revista, a partir de uma seleção dos editoriais que tratassem especificamente de conjuntura política, elaboração teórica sobre o nacionalismo, economia e política internacional. Como os editoriais eram sempre assinados por Caio Prado Jr. e Elias Chaves Neto, nos centramos essencialmente nas publicações destes dois autores, por serem representativas da orientação geral da revista e do Conselho Editorial como um grupo. Utilizamos artigos de autores de fora da direção do periódico para construir a análise da abertura do periódico à intervenções externas de outros "elaboradores" do "idioma político nacionalista" (PÉCAUT, 1990).

Sobre o PCB, nos atemos aos documentos que orientaram a política partidária e são representativos de sua "interpretação do Brasil", especialmente o *Manifesto de Agosto de 1950* e a *Declaração de Março de 1958*, dois documentos centrais do período — juntos às resoluções do IV Congresso de 1954 e similares. Além

das fontes primárias, reconstruímos o contexto a partir de bibliografia secundária sobre o período e sobre o Partido, haja visto a grande produção de trabalhos nas humanidades sobre o tema, apesar da carência de estudos específicos sobre a Revista Brasiliense. Em termos teórico-metodológicos, utilizamos os instrumentos do contextualismo linguístico de Quentin Skinner (2017) para a análise do material.

Por fim, cabe ressaltar uma dimensão metodológica específica das revistas intelectuais: sua processualidade interna e finalidade especificamente presente, diferente de livros e outras produções textuais teóricas que têm por objetivo, usualmente, a incorporação ao cânone. As revistas são dotadas de uma orientação ao tempo imediato que privilegia a intervenção política e possibilita a apreensão de uma transformação do pensamento de momento a momento, sob o prego de coerência interna e blindagem ao tempo. Trata-se, pois, de um objeto "sem aura", pois "toda autenticidade está em um presente, em el que siguen incrustadas, pero que se ha convertido en pasado." (SARLO, 1992, p. 10). A abordagem de revistas intelectuais como instrumentos de intervenção no debate público de curto prazo e com intenções de elaboração programática — no caso, do nacionalismo — é mais uma justificativa para a escolha do contextualismo linguístico como instrumento metodológico.

## Resultados e Discussão

A leitura do Manifesto de Fundação da Revista, publicado no primeiro número, revela um diagnóstico em que transparecem elementos centrais da teoria de Caio Prado Júnior desde a publicação da Formação do Brasil Contemporâneo, em 1942, como a má-formação do mercado interno, o déficit estrutural da balança de pagamentos e a precariedade das condições de vida da população do campo, o que já revela de partida um diagnóstico distinto daquele exposto pelo Partido Comunista.

O PCB era, sem sombra de dúvida, o agente mais influente da esquerda organizada politicamente naquele período no Brasil. O conflito teórico com Caio Prado já era antigo, já que a "interpretação do Brasil" caiopradiana diverge frontalmente da interpretação pecebista que fora sustentada até depois do golpe de 64. O centro da questão se dá entre a tese do Caio do sentido da colonização, que vê a formação do Brasil já como um projeto eminentemente moderno e participante ativo do "circuito" do capitalismo, e as teses herdadas da III Internacional, que viam no passado brasileiro uma organização social semifeudal e concebiam a progressão histórica por "etapas", precisando o Brasil superar a etapa feudal para então estar apto a superar o próprio capitalismo. Tal contradição impactava não apenas na visão do passado brasileiro, do semifeudalismo ou da colônia mercantil, mas também no presente histórico e nas tarefas políticas daquele momento, de modo que o PCB, por exemplo, insistia na tese da revolução democrático-burguesa para instaurar *de facto* o capitalismo no Brasil e assim reunir as condições para a tentativa da transição socialista — uma tática que seria rejeitada pelos autores da *Revista Brasiliense*.

É verdade, também, que o Partido passou por um processo de abertura política com o passar da década de 50, representado especialmente pela *Declaração de Março de 1958*; mas, se a abertura representou maior liberdade de atuação dos militantes especialmente nas fronteiras do debate estético e cultural, a linha política se manteve apoiada na interpretação semifeudal do Brasil, conforme apresentado por Raimundo Santos (2003) em artigo publicado no primeiro volume da *História do Marxismo no Brasil*. O dinamismo das posições do PCB é uma variável que devemos levar em consideração, especialmente se tratando de uma revista, cuja forma facilita o posicionamento no embate retórico de curtíssimo prazo, ainda que sua interpretação em termos gerais não tenha sido essencialmente transformada no período.

Quanto às posições publicadas nos editoriais da *Revista Brasiliense*, encontra-se uma postura que não chega ao rompimento: apesar das críticas, vários artigos, por exemplo, defendem a volta do partido à legalidade, mas acontecem afastamentos importantes. Em diversos momentos, a revista e o partido entraram em colisão indiretamente, especialmente nos balanços de governos, na questão agrária e nos apoios em eleições. Se o PCB embarcava no projeto de Juscelino, Caio Prado acusava o presidente de ser "certamente o mais entreguista, e nunca a economia brasileira assistiu tamanha orgia imperialista" (PRADO JÚNIOR, 1960). Caio Prado também publicou contra o apoio dos nacionalistas, incluso o PCB, à Ademar de Barros para o Governo de São Paulo, além de ter ressalvas com o projeto de João Goulart como um todo, posições que ecoavam em seu parceiro de editoriais, Elias Chaves Neto.

Em âmbito geral, o arcabouço caiopradiano e as questões por ele suscitadas tanto são frequentemente encampadas pelo Elias Chaves Neto, quanto são alvo de reflexões diversas dos outros autores do Conselho Editorial, não exploradas a fundo por nosso recorte. Há, ainda, um fator novo nas publicações de Chaves Neto, ausentes dos editoriais assinados por Prado Jr.: a defesa da democracia como horizonte estratégico. A relação de Chaves Neto com a democracia é qualitativamente distinta mesmo entre os marxistas da época — o que talvez faça do jornalista, nas palavras de Paulo Sérgio Pinheiro, "um comunista brasileiro bem estranho". Em seus artigos para a revista, torna-se cada vez mais enfático na defesa da democracia como um horizonte estratégico para a emancipação — posição que lhe rendeu críticas do próprio Luiz Carlos Prestes —, chegando ao limite, em 1963, no artigo "Revolução Democrática" (n. 48), de confrontar diretamente a tese da revolução democrático-burguesa do PCB, afirmando que "não se trata de uma revolução a dois tempos; uma revolução burguesa seguida de uma revolução socialista, mas de um movimento único de democratização do País em progressão para o socialismo", de forma que este seria "o sentido da revolução brasileira". No mesmo artigo, Chaves Neto faz menção direta aos teóricos do Partido Comunista Italiano Palmiro Togliatti e Valentino Gerratana, defendendo que a tarefa das grandes massas populares seria o controle político do Estado, de forma que a luta pela democracia e a luta pelo socialismo "se fundem num processo revolucionário único" (CHAVES NETO, 1982, p. 151).

Se a própria *Revista Brasiliense* não divergia diretamente do PCB em suas publicações, sem mencionar o partido diretamente em sentido negativo ou expondo conflitos internos, o contrário não é igualmente verdade, especialmente no início da revista, contabilizando episódios que incluem uma crítica direta de Luís Carlos Prestes à Elias Chaves Neto por sua defesa da democracia, publicada no *Voz Operária* de 28 de abril de 1956, assim como uma nota anônima publicada na revista pecebista *Fundamentos*, número 39, dizendo que a *Revista Brasiliense* não reconhecia o papel de vanguarda do Partido Comunista do Brasil e se opunha à toda linha do programa aprovado no IV Congresso do Partido (FUNDAMENTOS, 1955, p. 109).

Além dos diagnósticos eventualmente divergentes dos editores da *Revista Brasiliense* em relação ao PCB, pode-se analisar este distanciamento, tanto teórico quanto prático, a partir da ótica da aproximação da revista para com “outros grupos” intelectuais, como os intelectuais uspianos, em ascensão no contexto da especialização universitária, e os isebianos, produzindo a todo vapor como substrato teórico do Estado.

Em especial, a participação de professores e estudantes uspianos vinculados à experiência do Seminário Marx na revista merece atenção especial. Dos oito seminaristas que iniciaram o trabalho de leitura conjunta d’O *Capital*, quatro publicam na *Revista Brasiliense*, e José Arthur Giannotti chega a inclusive divulgar o inovador “método” de leitura nas páginas do periódico (GIANNOTTI, 1960). Somados, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Michael Löwy publicaram 16 artigos ao todo, começando em 1957 (isto é, no ano anterior ao início do seminário), um número expressivo. A análise dos primeiros artigos de Fernando Henrique e Octavio Ianni indica proximidade do ideário nacionalista formulado por Caio Prado Júnior (CARDOSO, 1957; IANNI, 1957). Roberto Schwarz, em texto célebre sobre o Seminário Marx, afirma que Caio Prado Júnior era parte da exceção contra a “bitola stalinista” dos círculos de esquerda da época, e que muitos dos desenvolvimentos teóricos que os seminaristas encamparam e resultaram nas teses publicadas tiveram seu caminho aberto por Caio Prado, que “na esteira aliás de Marx explicara a escravidão colonial como um fenômeno moderno, ligado à expansão comercial europeia, estranho portanto àquela sucessão de etapas canônicas” (SCHWARZ, 1999, p. 94). Em suma, há indicações suficientes para se compor um diálogo ao menos teórico entre a *R.B.* e o Seminário Marx.

Essa participação dos intelectuais do Seminário Marx está contida em um grupo maior, de intelectuais ligados à Faculdade de Ciências e Letras da USP. Outros intelectuais uspianos fora os seminaristas supracitados também publicam artigos na revista, como Florestan Fernandes, João Cruz Costa, Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, com artigos relacionados aos seus temas de pesquisa na época. A participação desses intelectuais representa um momento também de avanço das revistas acadêmicas especializadas, esmiuçado por Jackson (2004). O artigo de Jackson, inclusive, corrobora a hipótese de que os uspianos se aproximavam e publicavam na *R.B.* por afinidade teórica, ao mesmo tempo em que publicavam artigos na *Anhembi*, de Paulo Duarte, para divulgar as pesquisas (2004, p. 273). A coexistência destes grupos e suas respectivas interações através deste espaço se consolida na transição entre a figura do intelectual público engajado e do acadêmico especializado da universidade, em um contexto de avanço das especializações acadêmicas no Brasil.

Quanto aos isebianos, constam mais como resenhados do que como autores. Suas lutas internas são também acompanhadas nas páginas da revista, de forma que sua presença cresce conforme a “esquerdização” do ISEB pós-crise (LIMONGI, 1987) — o livro que foi considerado o estopim de sua crise interna, *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, de Hélio Jaguaribe, foi inclusive resenhado na revista. A aproximação entre a *Brasiliense* e o ISEB parece, contudo, mais editorial do que política.

## Conclusões

É fundamental perceber a Revista como um espaço aberto a colaborações diversas, desde que balizadas pelo fio que a conduzia desde seu manifesto de fundação: o nacionalismo enquanto programa, imbuído, muitas vezes, de um marxismo singular. A fronteira entre marxismo e nacionalismo neste caso específico torna-se nebulosa pelo “novo sentido” que Caio Prado dá ao nacionalismo, e que pode ter sido o “motivo fundador” deste periódico, ele mesmo fruto de seu desenvolvimento original do marxismo.

Há, também, uma questão federativa que se passa ao fundo. O ser paulista muitas vezes parece tão relevante para um pensamento quanto o ser comunista. Uma das chaves explicativas da distinção entre a *R.B.* e o PCB é, precisamente, o antivarguismo, ponto comum entre os comunistas paulistas. Diversas razões trazem à tona reflexões sobre o lugar de São Paulo na produção destes intelectuais — que será também palco do Seminário Marx, no ambiente acadêmico.

Pudemos concluir com a pesquisa que: a) o nacionalismo e o marxismo presentes na Revista Brasiliense são qualitativamente distintos daqueles encampados pelo PCB, muitas vezes entrando em conflito, tanto pela interpretação do Brasil, quanto pelas análises de conjuntura; b) ainda assim, a Revista faz parte do universo comunista, mobilizando sua linguagem e participando de seu contexto ideológico; e c) por sua independência e pelo arcabouço original do marxismo caiopradiano, acaba atraindo outro grupo que romperá diretamente com o pecebismo, o Seminário Marx. Nos deparamos, também, com a singularidade da defesa da democracia por parte de Elias Chaves Neto — que lhe renderia críticas por parte do próprio “Cavaleiro da Esperança”, Luís Carlos Prestes —, que habilita sua posição, pontuada por Limongi (1987), como um “precursor do eurocomunismo no Brasil”.

A Revista Brasiliense é, enfim, a marcação de um tempo político. Nela, observamos uma aguda sensibilidade para com os dilemas de seu tempo e, dentro das limitações impostas pela história, propôs soluções e deu espaço para que outros fizessem o mesmo. Enquanto projeto editorial, liga-se à agenda de um nacionalismo encorajado pelo marxismo caiopradiano, que não trouxe o materialismo histórico ao Brasil, mas

levou o Brasil ao materialismo histórico, caminho necessário para que outros pudessem fazer parecido em momento oportuno.

### Referências bibliográficas

- A.R.Y.; C. M. Revista Brasiliense — Ano I - Número 1, São Paulo. **Fundamentos**, n. 39, 1955, p. 107-109.
- CARDOSO, F. H. Desenvolvimento Econômico e Nacionalismo. **Revista Brasiliense**, v. 11, 1957.
- CHAVES NETO, E. **Minha Vida e as Lutas de Meu Tempo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- CHAVES NETO, E. **Sentido Dinâmico de Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GIANNOTTI, J. A. Notas para uma Análise Metodológica de O Capital. **Revista Brasiliense**, v. 29, 1960.
- IANNI, O. Aspectos do Nacionalismo Brasileiro. **Revista Brasiliense**, v. 13, 1957.
- JACKSON, L. C. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). **Tempo social**, v. 16, n. 1, p. 263–283, 2004.
- LIMONGI, F. P. Marxismo, nacionalismo e cultura: Caio Prado Jr. e a revista Brasiliense. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 5, n. 2, p. 27–46, 1987.
- PÉCAUT, D. **Os Intelectuais e a Política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.
- PRADO JÚNIOR, C. As Eleições de 3 de Outubro. **Revista Brasiliense**, v. 32, 1960.
- RICUPERO, B. **Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SANTOS, R. Crise e Pensamento Moderno no PCB dos anos 50. In: **História do Marxismo no Brasil**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003. v. 1.
- SARLO, B. Intelectuales y Revistas: razones de una práctica. **América: Cahiers du CRICCAL**, v. 9–10, p. 9–16, 1992.
- SCHWARZ, R. Um Seminário Marx. In: **Sequências Brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SKINNER, Q. Significado e Interpretação na História das Ideias. **Tempo e Argumento**, v. 9, n. 20, p. 358–399, 2017.